

APRENDIZAGEM NA FRONTEIRA POSSIBILIDADES DE UMA INTEGRAÇÃO FRONTEIRIÇA

VASCONCELLOS, Elisangela¹; RIZZON, Carlos²

¹UNIPAMPA – elisvasconcellos.unipampa@gmail.com

²UNIPAMPA – carlosrizzon@unipampa.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Analisamos formas de ensino em ambos os lados da fronteira uruguaio-brasileira, nas cidades de Rio Branco e Jaguarão, levando-se em conta o convívio com o outro, ou seja, habitantes do mesmo lugar no mundo, mas de diferentes idiomas e nacionalidades.

Por suas raízes históricas, o povo da fronteira é uma mescla de diferentes origens. A miscigenação de índios, portugueses, espanhóis e, mais tarde, negros deu origem a um novo tipo: o gaúcho ou “gaucho” que, “sem lei, nem rei”, viveu do gado que havia em profusão, podendo lutar ora de um lado, ora de outro, nas intermináveis guerras de limites.

Mas se em suas origens eram praticamente iguais culturalmente, como se formou essa barreira cultural quase intransponível na atualidade entre os seres de ambos os lados da linha divisória? Além da questão da divisão política entre os dois países, até que ponto a questão educacional redundou nesses seres culturalmente distintos? Para analisar essas questões, investigamos causas dessa separação cultural, enfocando-se, para tanto, as propostas pedagógicas de ambas as nações.

Primeiramente, faz-se necessário pensar no conceito de fronteira. No seu sentido tradicional, a fronteira é vista como limite, como uma linha divisória fixa que separa duas regiões ou países; essa, porém, parece ser uma concepção pouco perspicaz da realidade e, portanto, pouco produtiva. A fronteira, na verdade, constitui-se pela sua mobilidade e compreende um espaço bem mais amplo que o limite, abrangendo-o; sendo maior ou menor conforme a efervescência humana das suas margens, sobretudo nas chamadas “fronteiras vivas”, que, no dizer de PADRÓS (1994), “são aquelas caracterizadas por uma presença demográfica relativamente importante, manifestando uma integração informal que sobrevive às conjunturas políticas de fechamento e de corte” (p. 76). Esse aspecto da relação humana que se forma entre os habitantes de um lado e de outro, também é ressaltado por ZIENTARA:

A ideia, universalmente difundida, de fronteira como linha que separa duas regiões diferentes, é errada.[...] as populações que vivem numa zona de fronteira dão origem a uma comunidade fundada em interesses particulares, mantêm entre elas, do lado de cá e do lado de lá da fronteira, uma intensa comunicação. (1989, p. 307-309)

A questão mais importante a ser analisada é a da integração cultural. A precariedade ou inexistência dela é o que se pretende demonstrar para, caminhando na busca de soluções, chegar-se ao objetivo de uma integração educacional e cultural. Ou seja, uma zona de integração educacional - por mínima que seja - entre ambos os lados da linha divisória, sempre, é claro, levando-se em conta as identidades nacionais. Tal como lemos em PADRÓS, “integrar não deve significar perda de identidade nacional, e sim, contato com outras identidades nacionais. É claro que a ideia de integração entre Estados implica também a transformação de mentalidades.” (1994, p. 66). Entre Jaguarão

e Rio Branco existe uma ponte que possibilita uma integração, mas, de certa forma, pode separar, pois acaba sendo um gargalo de controle aduaneiro que impede o trânsito de livre acesso.



Figura 2: Ponte Internacional Mauá. Desenho de Leandro Barrios (31 cm x 81 cm)
Foto: Martim César Gonçalves. Outubro 2010

Ainda segundo PADRÓS (1994),

Paradoxalmente, no momento em que há possibilidades reais de integração supranacional entre os Estados da região, os interesses locais das áreas fronteiriças [...] correm o risco de não serem contemplados. (p. 64)

2. MATERIAL E MÉTODOS

Primeiramente, faz-se necessário analisar a questão curricular. Como contrapartida à visão tradicional, autores como Michael Apple, por exemplo, apontam que o currículo não seria um corpo neutro, inocente e desinteressado de conhecimentos. Ele seria, isto sim, como escreve Henry Giroux, um local onde se produzem e se criam significados sociais, estando em jogo uma política cultural. Michel Foucault adverte que não existe sujeito a não ser como simples e puro resultado de um processo de produção cultural e social. Não existe saber que não seja expressão de uma vontade de poder e não existe poder que não se utilize do saber. O currículo é, portanto, uma questão de poder e identidade.

No presente trabalho foram analisados os currículos das duas escolas tomadas como base para este estudo: o Liceo de Rio Branco (Uruguai) e o Colégio Estadual Carlos Alberto Ribas, de Jaguarão (Brasil). Como matérias relevantes para a cultura, foram tomadas a História e a Literatura, sendo analisadas as seguintes séries: 1º a 3º ano do ensino médio da instituição brasileira e 4º a 6º ano da Educação Básica Superior da instituição uruguaia, por serem esses os últimos 3 anos de ensino antes da possível entrada na universidade. Ou seja, é a última etapa de formação antes da escolha vocacional do aluno. Também foram feitas entrevistas com os professores das disciplinas analisadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise dos currículos escolares, verificou-se que, na escola brasileira, nenhum autor uruguaio é contemplado nas aulas de Literatura. Em História, são temas dos programas a ocupação da fronteira e uma abordagem contemporânea da América Latina. No Liceo de Rio Branco, há o item programático 'Narrativa Latinoamericana', compreendendo o escritor brasileiro João Guimarães Rosa. Na disciplina de História, apenas menciona-se a Revolução Farroupilha e os tratados sobre o Rio Jaguarão.

Em entrevistas, constatou-se, segundo professores do Uruguai, que "no son estudiados autores brasileños" e que, "por lo general, no se trabajan obras con temáticas fronterizas" na Literatura. Em História, "se habla del Tratado de Tordesillas y de la Provincia Cisplatina". No Brasil, os professores responderam que a literatura uruguaia não é estudada e, sobre fronteira, trabalha-se com João Simões Lopes Neto e com o tema das Missões, na obra "O Uruguai", de Basílio da Gama. A fronteira faz parte dos

conteúdos de História, mas “não é estudada com muita profundidade”. Sobre o Uruguai, “não se vê nada”.

A Ley General de Educación nº 18.437, de 2008, que atualmente regulamenta o ensino no Uruguai, não contempla, em tese, qualquer iniciativa que busque uma integração educacional fronteiriça. Logicamente, isso pode ser mudado nos próximos anos, ou mesmo por iniciativas próprias dos professores. Pelos PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais – existe a possibilidade “dos estabelecimentos de ensino e do educando de usufruírem da flexibilidade que a lei não só permite, mas estimula” (s/d, p. 18). Da mesma forma, o Art. 26 da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – permite que características regionais e locais da sociedade e da cultura façam parte dos currículos escolares. Verifica-se, portanto, a possibilidade de construir espaços de aproximação entre as escolas do Brasil e do Uruguai.

Algumas iniciativas, ainda tímidas, têm acontecido, como é o caso do PEIBF (Projeto Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira), onde professores uruguaios ministram aulas em Jaguarão, e professores brasileiros, em Rio Branco. Porém, trata-se do aprendizado de um segundo idioma sem aprofundamentos de questões culturais, não indo muito mais além do estudo de vocabulário. Embora, há que se frisar, este já é um avanço na busca de uma maior integração futura.

Outra iniciativa recente, ainda que não educacional, e que pode redundar em resultados futuros importantes é a Carta da Fronteira. Documento, que aponta para a possibilidade de avanços importantes na área de integração cultural. Por exemplo, cita em suas considerações:

Que é importante e urgente fortalecer as ações culturais das comunidades da fronteira [...] que a integração do bloco regional tem a integração cultural como central para o fortalecimento dos projetos de nação e o desenvolvimento dos países que o integram. (Art. 4, 8)

Bem como expressa, em seu artigo oitavo, que se deve “priorizar a liberação de recursos para projetos cuja finalidade seja a valorização da cultura regional fronteiriça”.

4. CONCLUSÃO

Segundo PADRÓS “a ideia de integração entre Estados implica a transformação de mentalidades” (p. 66). Ao desenvolver este trabalho, verifica-se que algumas iniciativas, nesse sentido, estão dando os primeiros passos. Pode-se citar o Projeto bilíngue, as Escolas Binacionais de Fronteira e a Carta da Fronteira. Porém ainda há muito por fazer, como foi possível verificar. Nas entrevistas e nos documentos, constatou-se que nenhum estudante jaguarense sai do ensino médio com conhecimentos razoáveis da história de Rio Branco, do Uruguai ou da América Latina; e nenhum estudante de Rio Branco sai do ensino equivalente com conhecimentos razoáveis da história de Jaguarão, do Rio Grande do Sul ou do Brasil. Com relação à cultura, nenhum estudante sabe quem é, por exemplo, Mario Benedetti, Alfredo Zitarrosa, Horacio Quiroga e José Pedro Varela (vultos relevantes da cultura uruguaia); e nenhum estudante de Rio Branco tem algum conhecimento escolar sobre, por exemplo, Paulo Freire, Érico Veríssimo, Mario Quintana e Aldyr Schlee (vultos importantes da cultura brasileira).

A pergunta que este trabalho quer fazer, portanto, é a seguinte: É possível que as instituições educacionais de ambos os países (Ministérios, Secretarias, etc.) possam se debruçar sobre as especificidades do ser fronteiriço e, em uma discussão ampla e positiva, fazer com que haja alguma intersecção de conhecimentos culturais entre os estudantes de ambos os lados da linha divisória? Tratar – no campo educacional – o

estudante de uma fronteira viva, pulsante, efervescente – como é o caso da uruguaio-brasileira – como se fosse uma cidade do centro brasileiro ou uruguaio, parece ser um erro de avaliação no que tange à igualdade de conhecimentos sobre o entorno onde vive o educando. Existe um “muro invisível” na integração educacional dos seres fronteiriços que, se de uma parte, interagem e se encontram e se cruzam, por outra, acabam por pouco saberem da cultura de um e de outro. Se a integração comercial se encontra em um estágio considerável, principalmente com relação ao Mercosul, apesar das vulnerabilidades econômicas que fragilizam as relações; e se, historicamente, a integração social sempre existiu; por outro lado, a integração cultural está em um nível muito aquém do que pode vir a ser. Não é o idioma que nos separa e, sim, o desconhecimento da cultura do outro. Este trabalho espera ter contribuído nessa busca de uma maior interação cultural, levantando questionamentos sobre fatos que muitas vezes passam despercebidos. Assim sendo, almeja que as instituições educacionais reconheçam a importância de ações nesse sentido, e incluam nos currículos escolares, tanto no Brasil como no Uruguai, conteúdos programáticos comuns a ambos os lados. Não pretende ser um fim; mas, sim, um começo. Esse será um passo para um caminho viável de integração verdadeira entre seres que habitam o mesmo lugar no planeta: a Fronteira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AXT, G. Prólogo. In: GARCIA, Fernando Cacciatore de. **Fronteira Iluminada – História do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p.6-8.
- BENEDIKT, Z. Fronteira. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, 1989
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf
- LEY GENERAL DE EDUCACIÓN. Dirección Nacional de Impresiones y Publicaciones Oficiales, IMPO, Gráfica Industrial Uruguaya, 2009.
- PADRÓS, E. S. Fronteiras e Integração Fronteiriça: elementos para uma abordagem conceitual. In: **Revista Humanas**, Porto Alegre, 1994. p. 63-85.
- SCHLEE, A. Braulina. In: **Contos de sempre**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p.61-66.
- SILVA, T. T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.
- SOUZA, S. B. de. Os caminhos e os homens do contrabando. In CASTELLO, Iara et al. (Org.). **Práticas de Integração nas Fronteiras: temas para o Mercosul**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1995. p. 126-139.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Acessado em 28 de nov. de 2010. Online. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>.